

**Nélia Cruz**

Universidade de Lisboa

**Manuel Frias Martins, *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago*. Lisboa: Fundação José Saramago, 2014. 188 pp.  
ISBN: 978-989-95820-4-0**

O ensaio *A Espiritualidade Clandestina de José Saramago* dedicado pelo seu autor, Manuel Frias Martins, à memória de John Lennon e em louvor da canção *Imagine*, com epígrafes de Raul Brandão, Michael S. Gazzaniga e Ralph Waldo Emerson, remete para um espaço de disrupção, desassossego, inquietação, humanismo. Centrado na obra de José Saramago, postula, como hipótese de trabalho, a existência de uma “espiritualidade clandestina”, ou seja, que não está lá, publicitada e assumida, mas que pelo contrário é pressentida nas escolhas dos temas, nos detalhes do estilo, no que está para além do dito. De facto, é a partir desta hipótese que o ensaísta, autor que privilegia um pensamento dialógico e complexo, cartografa todos os aspetos que considera pertinentes para o mapeamento daquilo que identifica como “espiritualidade clandestina” em José Saramago.

Admirador confesso do escritor e do pensador, estudioso da sua obra, foi neste contexto de diálogo com e entre os textos saramaguianos que a hipótese da “espiritualidade” começou a ganhar forma: “[...] eu pressenti a existência de um subtexto espiritual e clandestinamente operativo em muitas das avaliações saramaguianas” (Martins, 2014: 12).

A hipótese de existência da “espiritualidade” como um conceito operativo nas obras de Saramago é uma questão de Teoria da Literatura, da qual Manuel Frias Martins se assume como intérprete. Pretende, em última instância, criar um método, ou métodos, que permitam aceder e identificar a “espiritualidade” na escrita literária, possibilitando a análise de outros textos e de outros autores. A importância do conceito

de “matéria negra” (vd. Martins, 1995<sup>1</sup>), homenagem à força matricial e telúrica do texto literário, conceito que permite ir sempre mais além do que já foi dito, e que remete para o indizível, é onde ancora e sedimenta o seu conceito de “espiritualidade”, oferecendo em simultâneo a possibilidade de propor um novo olhar sobre a obra saramaguiana: “Propor José Saramago pelas veredas da espiritualidade clandestina equivale a introduzir uma *diferença solitária* na compreensão da sua escrita e da sua própria figura.” (Martins, 2014: 26).

Formalmente, o ensaio encontra-se dividido em prólogo, espécie de aviso à navegação dedicado a todos aqueles que se aventurem pela sua leitura, e catorze capítulos. Os capítulos ligam-se uns aos outros, entrecruzando-se, justificando e traçando linhas no espaço imaginário criado, partindo da relação entre os conceitos de Deus e de Beleza, terminando nas Virtudes do Espírito, fazendo um périplo pelo processo de criação literária, onde Estética, Ética e Espiritualidade são ontologicamente necessárias.

Podemos ainda subdividir os capítulos em três momentos hermenêuticos:

Capítulos I a III – As premissas da Espiritualidade;

Capítulos IV a XI – Deus, Jesus e Caim: Figurações, Memória e Dúvida;

Capítulos XII a XIV – O Homem: afinal quem sou eu?

Cada capítulo abre uma ponte para o seguinte, criando uma tessitura coesa que nos remete sempre para a exegese da “espiritualidade clandestina”, quase como uma necessidade ética, de um autor que se revê nos sofrimentos do outro (leitor) e de um ensaísta que se revê na criação do autor sobre quem escreve. O ensaio parte da análise de dois romances bíblicos de Saramago: *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim*<sup>2</sup>. “Eles são uma espécie de grito da razão humana.” (Martins, 2014: 61). É a partir deles que é traçado aquilo que se designa de “equação literária saramaguiana”: invocação constante do ateísmo (por parte do autor) → ocultação de um segredo autoral → espiritualidade clandestina (pressentida na realização literária).

<sup>1</sup> Manuel Frias Martins. *Matéria Negra. Uma Teoria da Literatura e da Crítica Literária*, 2.ª edição revista (Lisboa: Cosmos, 1995 [1993]).

<sup>2</sup> José Saramago. *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* (Lisboa: Caminho, 1991).  
José Saramago. *Caim* (Lisboa: Caminho, 2009).

Esta “espiritualidade” é um conceito operativo com uma forte dimensão ética, que se manifesta num desdobramento para com o outro. Não se confunde com religiosidade, é-lhe anterior. “A espiritualidade atravessa os romances ao ritmo da dúvida e do desassossego de um autor em busca do sentido para o humano e sobretudo para as construções do divino.” (Martins, 2014: 19).

Num primeiro momento hermenêutico de identificação da “espiritualidade”, deparamo-nos com as relações entre Deus e a Beleza. Duas palavras investidas de uma carga simbólica pesadíssima, ao mesmo tempo estética e espiritual, mas também com uma forte dimensão ética. A Beleza está sempre presente na atividade artística, é própria do processo de construção literária e a construção literária saramaguiana é exigente e original. Deus, o léxico religioso e as temáticas religiosas estão presentes ao longo da sua obra e, aqui, Manuel Frias Martins invoca conceitos da neurociência, que nos fala da memória autobiográfica, para sustentar que não se pode considerar fruto do acaso esta constante referência ao imaginário religioso, que remete para um questionar permanente sobre tudo o que rodeia o homem e para as manifestações do humano. Só por si, esta vertente revela uma das faces da “espiritualidade” saramaguiana: a escolha temática. No entanto, o seu foco é sempre literário. O que lhe interessa relativamente ao Belo e a Deus é a forma como José Saramago, os representa ou convive com eles, as escolhas que faz para a sua figuração. A Bíblia é, para Saramago, também literatura. Mas a sua procura da Bíblia reverte-se de contornos muito específicos, que são para o ensaísta contornos espirituais que apontam para uma das definições mais pertinentes do ensaio: *A espiritualidade é o estado poético do espírito*.

Esta definição conduz mais uma vez para um estado de possibilidade criativa, para esse espaço de “matéria negra”, de interpretação, que é ao mesmo tempo uma experiência afetiva e relacional, é pensamento e ação, é abertura para o outro, é transdisciplinaridade. A compreensão da “espiritualidade” como conceito dinâmico, relacional, dialógico, está presente em todos os momentos do ensaio, aliada à procura de todos os fragmentos onde esta “espiritualidade”, como estado de possibilidade criativa se revela. Há uma necessidade ontológica de transformação neste conceito dinâmico de “espiritualidade”. Há claramente um apelo à “ação”.

Num segundo momento hermenêutico, que designamos de *Deus, Jesus, Caim: Figuração, Memórias e Dívida*, o autor viaja pelo processo criativo saramaguiano e tenta perceber melhor de que forma se pode identificar este *estado poético do espírito*. Nesse périplo faz, a partir do capítulo quarto, um levantamento hermenêutico das figuras, figurações, memórias literárias e culturais, e interrogações inscritas no texto de Saramago onde se pressente a “espiritualidade” por si defendida. A constante presença de Deus e das suas múltiplas faces, Jesus e Caim, “emblemas literários de todos nós” (Martins, 2014: 96), que possuem, também, uma dimensão social, é portadora de uma unidade “epistemológica”, revelada nas suas indagações, no constante diálogo com Deus, mas também uma unidade “literária” presente na sua clara ligação ao paradigma dos heróis trágicos. O próprio autor afirma que “[...] o Jesus saramaguiano emana claramente do paradigma grego clássico do herói trágico, enquanto o Caim saramaguiano é indiscutivelmente um herói trágico, cujo molde literário decorre sobretudo da experiência cultural cristã [...]” (Martins, 2014: 96).

O ensaísta recorda constantemente que o que José Saramago pretende fazer é literatura, e para isso utiliza todo o tipo de memória autobiográfica, literária, cultural, com o único objetivo, enquanto escritor, de revelar todo o fascínio que sente pela existência humana. É neste subtexto que se pode pressentir, mais uma vez, a “espiritualidade”, numa constante homenagem à vida, à liberdade, à descoberta, à procura da verdade. “Situaria os romances bíblicos de Saramago no espaço de realização da própria busca pessoal por parte do escritor de um entendimento de Deus, de Jesus e dos dados fundamentais da interdependência do espírito e do mundo vivido.” (Martins, 2014: 163).

Num terceiro momento hermenêutico, é reconhecida a presença no texto de Saramago da afirmação plena do humano em todas as suas facetas. A resposta à grande questão levantada no título do Capítulo XII, “Quem sou eu? Em verdade, em verdade, quem sou eu?”, retirada do texto de José Saramago “A Sétima Palavra do Homem”, principal estímulo para a escrita deste ensaio, como afirmou numa palestra<sup>3</sup>, descreve a matriz epistemológica que caracteriza o escritor e o ensaísta:

---

<sup>3</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=xH70oeffgTE>

perguntar, perguntar sempre, pôr em causa o estabelecido, criar novo tipo de perguntas, olhar de outras maneiras. A “espiritualidade” saramaguiana radica numa *razão ética* que implica um *discurso vigilante*, que recusa “a servidão e a humilhação humanas [...] é um ato de amor e de compaixão...” (Martins, 2014: 177).

Aquilo que mais atrai nos romances de Saramago é precisamente esta relação de constante maravilhamento perante o humano e tudo o que o envolve. As suas personagens são personagens detentoras de uma vitalidade estrutural, daí a força da sua existência literária. “A espiritualidade decorre de um excesso de vida: não é escape da realidade material, mas mudança dessa realidade para melhor, sugerindo uma responsabilidade universal, por parte de quem escreve perante as dificuldades que o homem encontra na sua busca de felicidade, bem como, na sua paixão de conhecer, de querer descobrir, de almejar compreender.” (Martins, 2014: 184) E a literatura torna-se em Saramago aquele lugar muito especial onde o homem dialoga com os mundos interior e exterior. A literatura é também uma forma de conhecimento. A “espiritualidade” é pois o *estado poético do espírito*, mas é também deslumbramento perante a vida, é pensar, ouvir, sentir, dizer, agir, é um conceito dinâmico, que remete sempre para uma transformação, para uma *responsabilidade universal*.

É esta a teia relacional tecida ao longo das 188 páginas do ensaio, subordinadas à epígrafe “Nós só vemos aquilo que estamos preparados para ver”, de Ralph Waldo Emerson que marca o tom dos capítulos. O ensaio contribui para aprofundar os estudos sobre José Saramago abrindo mais uma possibilidade de pesquisa: a “espiritualidade” como hipótese. Um dos principais méritos do livro consiste em trazer para o debate um tema marginal, para não dizer omissos, nos estudos saramaguianos. O autor trabalha o conceito de “espiritualidade” apoiando-se na leitura penetrante e comparatista de toda a obra de Saramago, mas mais especificamente, como já foi atrás referido, na leitura dos livros *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e *Caim*, sedimentando o seu estudo num conceito, também seu, o conceito de “matéria negra”. É-nos oferecida uma visão alargada da intertextualidade presente no universo saramaguiano, identificando-a nas memórias autobiográfica, literária e cultural. Ouvimos, entre outros, ecos das vozes de Raul Brandão,

Dostoiévski, Tolstoi. O autor defende a ontologia desta “espiritualidade” dentro do contexto da análise literária. É de literatura que se fala e não de exegese bíblica ou esoterismo. Este ensaio é pois uma espécie de corolário de todo o trabalho por si desenvolvido sobre e com os textos de Saramago.

Se por nenhum outro motivo fosse, apenas pela partilha de um olhar diferente, e porque devemos estar disponíveis para o diferente, valeria a pena a leitura deste ensaio. Realmente “o mundo não é plano” e, “tal como se lê no poema de Régio, também de Saramago se pode dizer que nasceu ‘do amor que há entre Deus e o Diabo’” (Martins, 2014: 188).

Em tom de conclusão o mais importante para o ensaísta Manuel Frias Martins, que partilha com o escritor José Saramago, não só esse espaço de complexidade e de possibilidade criativa, mas também o fascínio perante a vida, é a afirmação de que apesar de tudo a vida vale a pena ser vivida: “[...] Não reclamo para este meu ensaio outra coisa que não seja a garantia de que nele tentei colocar, na presente etapa de amador da literatura, a minha ilusão mais bela acerca da escrita saramaguiana.” (Martins, 2014: 27).